

Duas pessoas. Dez chances.
Uma história de amor inesquecível.

Um Dia em Dezembro



B
BERTRAND BRASIL

JOSIE SILVER

JOSIE SILVER

Um Dia em
Dezembro

Tradução
Carolina Simmer

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2018

Copyright © Josie Silver, 2018

Publicado originalmente em língua inglesa pela Penguin Books Ltd, Londres.

Título original: *One Day in December*

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018

Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S592d

Silver, Josie

Um dia em dezembro [recurso eletrônico] / Josie Silver ; tradução Carolina Simmer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2018.

recurso digital

Tradução de: One day in december

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2385-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Título.

18-52941

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para James, Ed e Alex,
com amor.

Sumário

2008

21 de dezembro

2009

Resoluções de Ano-Novo

20 de março

24 de outubro

18 de dezembro

19 de dezembro

2010

Resoluções de Ano-Novo

18 de janeiro

14 de fevereiro

15 de fevereiro

5 de junho

12 de dezembro

2011

Resoluções de Ano-Novo

1º de janeiro

28 de janeiro

3 de maio

20 de setembro

12 de outubro
13 de outubro
29 de novembro
12 de dezembro

2012

Resoluções de Ano-Novo

3 de janeiro
10 de março
14 de maio
9 de junho
4 de agosto
5 de agosto
10 de agosto
15 de setembro
24 de outubro
3 de novembro
12 de novembro
13 de novembro

2013

Resoluções de Ano-Novo

8 de fevereiro
16 de fevereiro
20 de abril
23 de abril
12 de dezembro
14 de dezembro

2014

Resoluções de Ano-Novo

16 de março
27 de maio

10 de junho
25 de junho
12 de outubro
13 de outubro
27 de outubro

2015

Resoluções de Ano-Novo

6 de maio
12 de setembro
21 de novembro

2016

Resoluções de Ano-Novo

26 de janeiro
23 de fevereiro
14 de março
23 de março
9 de junho
13 de junho
16 de junho
2 de julho
3 de julho
19 de outubro
17 de dezembro

2017

Resoluções de Ano-Novo

1º de março
5 de junho
1º de agosto
22 de dezembro
23 de dezembro

Agradecimentos

2008

21 de dezembro

Laurie

É um milagre que as pessoas que usam o transporte público não caiam e morram por excesso de germes no inverno. Nos últimos dez minutos, fui vítima de tosses e espirros alheios, e, se a mulher à minha frente jogar caspa em cima de mim mais uma vez, talvez eu derrube nela o restante do café morno que não posso mais beber por estar cheio de pedaços de couro cabeludo.

Estou tão cansada que seria capaz de dormir aqui mesmo, no balanço do andar de cima deste ônibus lotado. Ainda bem que minha folga de Natal já começou, porque acho que meu corpo e meu cérebro não aguentariam nem mais um turno na recepção daquele hotel horroroso. O balcão pode até estar enfeitado com guirlandas e belas luzes para os hóspedes, mas, nos bastidores, é um verdadeiro inferno. Meus olhos vivem pesados, mesmo quando eu deveria estar acordada. Amanhã, assim que chegar à nostálgica intimidade da casa dos meus pais, meu plano é hibernar até o ano que vem. O mundo parece ficar tranquilo, em câmera lenta, quando troco Londres por um interlúdio da serena vida interiorana do quarto da minha infância, nas Midlands, mesmo que nem todas as lembranças dessa época sejam boas. Até as famílias mais unidas passam por tragédias, e acho justo dizer que a nossa veio cedo e foi drástica. Mas não vou ficar pensando nisso, porque o Natal é para ser um tempo de esperança, amor e, acima de tudo neste momento, sonecas. Sonecas intercaladas com competições de comilança com meu irmão, Daryl, e sua namorada, Anna, além de um monte de filmes natalinos bregas. Porque é impossível se cansar de ver um infeliz parado no frio segurando cartazes que silenciosamente declaram à esposa do melhor amigo que seu coração despedaçado sempre a amará. Se bem que... isso é romântico? Não sei. Quero

dizer, *meio* que é, de um jeito piegas, mas o sujeito também é o pior amigo do mundo.

Já desisti de me preocupar com os germes aqui, porque com certeza já ingeri o suficiente para morrer, se for o caso, então apoio a cabeça na janela embaçada e observo a Camden High Street passar como brilho dos pisca-piscas de Natal e vitrines iluminadas e abarrotadas que vendem de tudo, de jaquetas de couro a lembrancinhas bregas de Londres. Mal passa das quatro da tarde, mas já anoitece; acho que quase não houve claridade hoje.

Meu reflexo diz que talvez fosse melhor tirar a auréola cintilante horrorosa que a vaca da minha gerente me obrigou a usar, porque pareço uma aspirante a Anjo Gabriel em uma peça natalina de escola primária, mas não consigo me dar ao trabalho. Ninguém neste ônibus se importa; não o homem encasacado e úmido ao meu lado ocupando bem mais que sua metade do assento enquanto cochila sobre o jornal de ontem, nem os estudantes gritando uns com os outros nos bancos no fundo e, com certeza, não a moça da caspa na minha frente, com seus brincos de flocos de neve. Sua escolha de bijuteria me parece irônica; se eu fosse mais babaca, talvez a cutucasse para dizer que ela está chamando atenção para a nevasca que causa cada vez que balança a cabeça. Porém não sou babaca; ou talvez seja só no silêncio da minha própria mente. Todo mundo é assim, não é?

Jesus Cristo, em quantos pontos este ônibus vai parar? Ainda faltam alguns quilômetros até onde moro e já está mais apertado aqui dentro que carreta de gado em dia de feira pecuária.

Ande logo, penso. Rápido. Quero ir para casa. Embora a minha casa seja um lugar deprimente agora que Sarah, que divide o apartamento comigo, foi passar uns dias com os pais. Só mais um dia antes de eu ir também, lembro a mim mesma.

O ônibus estremece e para no fim da rua. Observo enquanto a multidão lá embaixo se acotovela para sair enquanto é empurrada pelos que querem entrar. É como se achassem que estamos participando de uma competição para ver quantas pessoas cabem em um espaço apertado.

Há um cara acomodado em um dos bancos do ponto. Este com certeza não é o ônibus dele, porque está mergulhado em sua leitura. Ele me chamou a atenção porque parece ignorar o empurra-empurra que acontece bem na sua frente, como um desses efeitos especiais bonitos de filmes em que alguém fica completamente imóvel enquanto o mundo gira um pouco fora de foco, ao seu redor, como em um caleidoscópio.

Não consigo ver seu rosto, só o topo de seu cabelo louro-escuro, com um corte meio comprido, formando ondas, imagino, conforme cresce. Ele está agasalhado com um sobretudo de lã azul-marinho e um cachecol que parece ter sido tricotado especialmente para ele. É um detalhe destoante e inesperado em comparação ao restante das suas roupas estilosas — calça jeans *skinny* escura e botas — e com a maneira compenetrada com que lê o livro. Aperto os olhos, tentando baixar a cabeça para ver o título, limpando a janela embaçada com a manga do casaco para enxergar melhor.

Não sei se é o movimento do meu braço pelo vidro ou o brilho dos brincos da mulher da caspa que chamam a atenção de sua visão periférica, mas ele ergue a cabeça e pisca algumas vezes enquanto foca na minha janela. *Em mim.*

Nós nos encaramos, e não consigo desviar o olhar. Sinto meus lábios se moverem, como se eu fosse dizer alguma coisa, só Deus sabe o quê, e, de repente, do nada, preciso sair deste ônibus. Sou assolada pela necessidade urgente de ir lá fora, de ir até ele. Mas não vou. Não movo um músculo, porque sei que não existe possibilidade de eu conseguir passar pelo homem encasacado ao meu lado e abrir caminho por entre a multidão antes de o ônibus começar a andar. Então tomo a rápida decisão de ficar onde estou e tentar comunicar a ele, usando apenas a ânsia desesperada e intensa no meu olhar, que deveria subir aqui.

Ele não é nenhum galã nem tem aquela beleza clássica, mas há um quê desgrenhado e estiloso e um charme sério, modesto, que me atrai. Daqui, não consigo ver bem a cor de seus olhos. Verdes, acho, ou talvez azuis?

E veja bem. Pode até parecer delírio da minha parte, mas tenho certeza de que vi a mesma eletricidade passar por ele; como se um relâmpago invisível tivesse, inexplicavelmente, nos unido. Reconhecimento; seus olhos arregalados exibiram uma surpresa nítida. Ele parece me encarar duas vezes, incrédulo, o tipo de coisa que se faz quando você encontra por coincidência seu melhor amigo dos velhos tempos, a quem não vê há séculos, e não acredita que aquilo esteja mesmo acontecendo.

É um olhar que diz *Olá* e *Ah, meu Deus, é você* e *Que bom te ver*, tudo ao mesmo tempo.

Seus olhos seguem na direção da pequena fila que ainda espera para embarcar e, depois, voltam-se para mim; quase consigo ouvir os pensamentos passando por sua mente. Ele está se perguntando se seria loucura entrar no ônibus, no que diria se não estivéssemos separados pelo vidro e pela multidão, se acabaria se sentindo idiota ao subir dois degraus da escada por vez para chegar até mim.

Não, tento transmitir. Não, você não se sentiria idiota. Eu não deixaria. Ande logo, entre na porcaria do ônibus! Ele está me encarando, e, então, um sorriso lento se forma em sua boca larga, como se não conseguisse controlar. E sorrio de volta, quase eufórica. Também não consigo evitar.

Por favor, entre no ônibus. Ele se move, tomando uma decisão repentina, fechando o livro e enfiando-o na mochila entre os tornozelos. Está andando agora; prendo a respiração, pressiono a palma da mão contra a janela fria, encorajando-o a correr mesmo enquanto escuto o horrível chiado das portas se fechando e sinto o sacolejar do freio de mão sendo solto.

Não! Não! Ah, meu Deus, não ouse sair deste ponto! É Natal! Quero gritar mesmo enquanto o ônibus se enfia no trânsito e aumenta a velocidade. Lá fora, ele fica parado na rua, ofegante, observando eu me afastar. Vejo a derrota afastar o brilho de seu olhar, e, por ser Natal e por ter acabado de me apaixonar perdidamente por um estranho em um ponto de ônibus, jogo um beijo triste para ele e apoio a testa no vidro, observando-o até sumir de vista.

Então me dou conta. Merda. Por que não me inspirei no infeliz do filme e escrevi alguma coisa para lhe mostrar? Eu podia ter feito isso. Podia até ter escrito o número do meu celular na janela úmida. Podia ter aberto uma fresta e gritado meu nome e endereço ou alguma coisa assim. Há um monte de coisas que eu podia e devia ter feito; porém, na hora, nada me ocorreu, porque parecia impossível desgrudar meus olhos dele.

Para os espectadores, deve ter parecido um filme mudo de sessenta segundos digno de um Oscar. De agora em diante, se alguém me perguntar se já me apaixonei à primeira vista, a resposta será que sim, por um glorioso minuto em 21 de dezembro de 2008.

2009

Resoluções de Ano-Novo

Só duas resoluções este ano, mas elas são importantes e geniais.

1. Encontrar o cara do ponto de ônibus.
2. Conseguir meu primeiro emprego decente em uma revista.

Droga. Devia ter escrito a lápis, porque apagaria tudo e trocaria a ordem. O ideal seria conseguir um trabalho superdescolado em uma revista primeiro e, depois, esbarrar com o cara do ônibus em uma cafeteria enquanto comprava um almoço saudável; ele acidentalmente derrubaria meu pedido, ergueria o olhar e diria “Ah. É você. Até que enfim”.

Então nós nos esqueceríamos do almoço e iríamos dar uma volta no parque, porque perdemos o apetite, mas encontramos o amor de nossa vida.

Enfim, é isso. Deseje-me sorte.

20 de março

Laurie

— É ele? Esse com certeza tem jeito de que anda de ônibus.

Sigo a direção que Sarah indica com a cabeça e passo os olhos pelo balcão apinhado de gente na noite de sexta. Agora, é hábito sempre que vamos a qualquer lugar analisar rostos e multidões em busca do “cara do ônibus”, como Sarah o batizou quando compartilhamos nossas histórias de fim de ano em janeiro. As comemorações da família dela em York soaram bem mais animadas que minha calma e comilança em Birmingham, mas nós duas voltamos para a realidade do inverno londrino sofrendo de depressão pós-Réveillon. Conteí minha trágica história de “amor à primeira vista” junto com outras lamúrias e logo me arrependi. Não é que eu preferisse esconder isso de Sarah; é só que, desde o segundo em que ficou sabendo, ela ficou ainda mais obcecada com a ideia de encontrá-lo do que eu. E estou ficando louca por ele em silêncio.

— Qual? — Franzo a testa na direção do mar de pessoas, em sua maior parte nucas de cabeças desconhecidas.

Ela torce o nariz enquanto pensa em como mostrar o cara para eu analisar.

— Ali no meio, do lado da mulher de vestido azul.

É mais fácil encontrá-la; sua cortina de cabelo louro-platinado escorrido reflete a luz quando ela joga a cabeça para trás e ri para o homem ao seu lado.

Ele tem a altura certa. O cabelo é parecido, e sinto um reconhecimento chocante diante do contorno de seus ombros na blusa escura. Pode ser qualquer um, mas também pode ser o cara do ônibus. Quanto mais o observo, mais certeza tenho de que minha busca chegou ao fim.

— Não sei — digo, prendendo a respiração porque ele é muito parecido.

Já o descrevi tantas vezes que Sarah deve reconhecê-lo com mais facilidade do que eu. Quero chegar mais perto. Na verdade, acho que comecei a me aproximar, mas, então, a mão de Sarah me interrompe, porque ele aproxima a cabeça e dá um beijo na loura, que instantaneamente se tornou a pessoa que mais odeio no mundo.

Ah, Deus, acho que é ele! Não! Não era para ser assim. Imagino inúmeras versões deste momento todas as noites antes de pegar no sono e nunca, repito, *nunca* termina assim. Às vezes, ele está com um grupo de amigos em um bar; outras vezes, está lendo em uma cafeteria, sozinho; mas o que jamais acontece é ele ter uma namorada loura com quem se agarra em público.

— Merda — murmura Sarah, passando-me minha taça de vinho.

Ficamos observando enquanto o beijo continua. E continua. Credo, essas pessoas não tem pudor? Agora, ele está apertando a bunda dela, realmente passando dos limites para um ambiente lotado.

— Que falta de vergonha na cara — resmunga Sarah. — Ele não faz seu tipo de jeito nenhum, Lu.

Estou arrasada. Tanto que tomo toda a taça de vinho gelado em um gole, estremeçando.

— Acho que quero ir embora — digo, quase chorando, ridícula.

E, então, os dois param de se beijar, ela arruma o vestido, ele sussurra algo em seu ouvido, se vira e vem na nossa direção.

É instantâneo. Ele passa bem ao nosso lado, e quase rio, eufórica de alívio.

— Não é ele — sussurro. — Nem são muito parecidos.

Sarah revira os olhos e solta o ar que devia estar prendendo.

— Puta merda, graças a Deus. Que canalha. Quase enfiei um pé na frente dele.

Ela tem razão. O homem que passou por nós estava todo convencido, limpando o batom vermelho da garota de sua boca com as costas da mão, enquanto exibia um presunçoso sorriso de satisfação a caminho do banheiro.

Puxa, preciso beber mais. A busca pelo cara do ônibus já dura três meses. Se não encontrá-lo em um futuro próximo, vou acabar parando em uma clínica de reabilitação.

Mais tarde, de volta à Delancey Street, tiramos os sapatos e desabamos.

— Andei pensando — diz Sarah, jogada na outra extremidade do sofá. — Tem um cara novo no trabalho, talvez você goste dele.

— Só quero o cara do ônibus — suspiro, melodramática ao estilo novela de época.

— Mas e se você encontrá-lo e ele for um escroto? — questiona ela.

Parece que os eventos no bar também a atingiram em cheio.

— Acha que eu devia parar de procurar? — pergunto, erguendo a cabeça apoiada no braço do sofá para encará-la.

Ela abre os braços e assim fica.

— Só estou dizendo que você precisa de um plano B.

— Para o caso de ele ser um escroto?

Ela ergue os polegares, provavelmente porque seria esforço demais assentir com a cabeça.

— O sujeito pode ser um imbecil de marca maior — diz ela. — Ou ter namorada. Ou, credo, Lu, ele pode até ser casado.

Eu arfo. De verdade.

— Claro que não! — protesto. — Ele é solteiro, lindo e está por aí esperando que eu o encontre. — Acredito nisso com a convicção de uma mulher bêbada. — Ou talvez até esteja procurando por mim.

Sarah se apoia nos cotovelos e me encara, seus longos fios ruivos despenteados, seu rímel manchado de fim de noite.

— Só estou dizendo que nós, que *you* talvez tenha expectativas irreais e que você, que *we* precisamos ter mais cuidado. Só isso.

Sei que ela tem razão. Mais cedo, no bar, quase tive um infarto.

Trocamos um olhar, e Sarah dá uma batidinha em minha perna.

— Vamos encontrá-lo — diz ela.

É um gesto tão simples de solidariedade, mas, no meu estado alcoolizado, sinto um nó na garganta.

— Promete?

Ela faz que sim com a cabeça, botando a mão no coração, e um soluço catarrento escapa de mim, porque estou cansada e irritada e, às vezes, não consigo me lembrar direito do rosto do cara do ônibus e tenho medo de esquecer como ele é.

Sarah senta e seca minhas lágrimas com a manga da blusa.

— Não chore, Lu — sussurra ela. — Vamos continuar procurando até o encontrarmos.

Concordo com a cabeça, jogando-me no sofá e encarando o teto de gesso que nosso senhorio jura que vai pintar desde que nos mudamos para cá, anos atrás.

— Vamos. E ele vai ser perfeito.

Sarah fica quieta, então balança um dedo vagamente sobre sua cabeça.

— É melhor que seja mesmo. Senão vou ter que entalhar “escroto” bem na testa dele.

Assinto. Eu me sinto grata por sua lealdade, que é recíproca.

— Com um bisturi enferrujado — digo, floreando a ideia pavorosa.

— Vai infeccionar e a cabeça dele vai cair — murmura ela.

Fecho os olhos, rindo baixinho. Até encontrar o cara do ônibus, vou direcionar toda a minha afeição para Sarah.

24 de outubro

Laurie

— Ficou ótimo — diz Sarah, se afastando para admirar nosso trabalho.

Passamos o fim de semana inteiro redecorando a minúscula sala do nosso apartamento; nós duas estamos cobertas de tinta e poeira. Já praticamente terminamos, e sinto aquela reconfortante chama de satisfação — queria que meu emprego horroroso no hotel me trouxesse metade desse sentimento de realização.

— Espero que o senhorio goste — digo.

Na verdade, não poderíamos fazer qualquer alteração, mas não tem como ele reclamar de nossas melhorias.

— Ele devia nos pagar por isso — declara Sarah com as mãos no quadril. Ela está usando uma jardineira jeans com uma blusa rosa-fluorescente que contrasta horrivelmente com seu cabelo. — Acabamos de aumentar o valor do apartamento. Quem não iria preferir este piso de madeira àquele carpete esfarrapado?

Eu rio, me lembrando da comédia que foi a luta para tirar o carpete enrolado do nosso apartamento no último andar e carregá-lo escada abaixo. Quando chegamos ao térreo, suávamos como garimpeiros e xingávamos como marinheiros, com pedaços do forro de espuma grudados na pele. Batemos as mãos em comemoração depois que o jogamos na lixeira de um vizinho; ela vive tão abarrotada que acho que ninguém vai perceber.

O velho piso de carvalho está lindo — anos atrás, alguém deve ter se dado ao trabalho de reformá-lo antes de o senhorio atual resolver escondê-lo sob aquela monstruosidade estampada. Nossos dolorosos esforços de lustrá-lo parecem ter valido a pena agora que estamos em nossa sala aconchegante e bem-iluminada, graças às novas paredes brancas e aos antigos janelões. É um prédio maltratado,

mas com uma boa estrutura, apesar do teto texturizado. Acrescentamos um tapete barato e cobrimos os móveis que não combinam com mantas que tiramos dos quartos, e, no geral, acho que fizemos um milagre econômico.

— *Boho-chic* — declara Sarah.

— Tem tinta no seu cabelo — digo, tocando o topo da minha cabeça para mostrar onde, imediatamente adicionando uma nova mancha no meu.

— No seu também — diz ela, rindo, e, então, olha para o relógio. — Peixe e fritas?

Sarah tem o metabolismo de um cavalo. É uma das coisas que mais gosto nela porque me permite comer bolo sem culpa. Faço que sim com a cabeça, faminta.

— Vou comprar.

Meia hora mais tarde, fazemos um brinde à nova sala maravilhosa enquanto comemos peixe e fritas no sofá, com os pratos no colo.

— Devíamos largar nossos empregos e virar rainhas de decoração na TV — diz Sarah.

— Ia ser o máximo — concordo. — *Renovando sua casa com Laurie e Sarah*.

Ela faz uma pausa com o garfo a caminho da boca.

— *Renovando sua casa com Sarah e Lu*.

— *Laurie e Sarah* fica melhor. — Sorrio. — Você sabe que tenho razão. Além disso, sou mais velha, então é justo que meu nome venha primeiro.

É uma piada antiga; sou alguns meses mais velha do que Sarah e nunca perco a oportunidade de me aproveitar disso. Ela engasga com a cerveja enquanto me abaixo para pegar minha garrafa no chão.

— Cuidado com o piso!

— Estou usando um descanso de copo — digo, orgulhosa.

Ela se inclina para baixo e encara meu descanso de copo improvisado, feito de panfletos com as ofertas do mês no mercado.

— Ah, meu Deus, Lu — diz Sarah, devagar. — Nós nos tornamos pessoas que usam descansos de copo.

Engulo em seco, séria.

— Isso significa que vamos virar a louca dos gatos?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Pois é.

— Por mim, tanto faz — resmungo. — Minha vida amorosa morreu mesmo.

Sarah amassa a embalagem vazia de seu peixe e fritas.

— A culpa é só sua — declara ela.

Isso é uma referência ao cara do ônibus, é claro. Ele é praticamente uma lenda agora, e estou prestes a desistir. Dez meses é muito tempo para procurar por um completo desconhecido, presumindo que ele esteja solteiro, goste de mim e não seja um psicopata. Sarah vive falando que devo seguir em frente, dando a entender que preciso encontrar outro cara antes que vire freira. Sei que ela tem razão, mas meu coração ainda não está pronto para abrir mão dele. Aquela sensação quando nossos olhos se encontraram — nunca passei por aquilo antes, nunca.

— Você poderia ter dado a volta ao mundo andando nesse período desde que o viu — diz ela. — Pense na quantidade de homens perfeitos com quem poderia ter transado em uma viagem dessas. Você teria histórias para contar a seus netos sobre o italiano Roberto e o russo Vlad.

— Não vou ter filhos nem netos. Vou continuar minha busca inútil pelo cara do ônibus para sempre e terminar criando gatos com você — digo. — Vamos abrir uma sociedade protetora e a rainha vai nos dar uma medalha por nossos serviços prestados aos animais.

Sarah ri, mas seus olhos me dizem que chegou a hora de abandonar meus sonhos com o cara do ônibus e seguir em frente.

— Acabei de lembrar que sou alérgica a gatos — diz ela. — Mas você ainda me ama, não é?

Suspiro e pego a cerveja.

— Sinto muito, mas essa foi a gota d'água. Encontre outra pessoa, Sarah, não vamos dar certo.

Ela sorri.

— Tenho um encontro na semana que vem.

Levo a mão ao coração.

— Você se esqueceu tão rápido de nós.

— Eu o conheci em um elevador. Prendi-o lá dentro e só o libertei quando ele concordou em me convidar para sair.

Realmente preciso aprender com Sarah — ela vê o que quer e não perde a oportunidade. Desejo, pela milionésima vez, que eu tivesse tido a coragem de sair daquele ônibus. Mas o fato é que não tive. Talvez tenha chegado a hora de criar vergonha na cara, de parar de procurar por ele e de chorar, bêbada, sempre que fracasso. Há outros homens no mundo. Preciso adotar “O que Sarah faria?” como lema — tenho certeza de que ela não passaria um ano de sua vida se lamentando.

— Vamos comprar um quadro para aquela parede? — pergunta ela, encarando o espaço vazio sobre a lareira.

Concordo com a cabeça.

— Vamos. Por que não? Pode ser de gatos?

Sarah ri e joga a embalagem amassada na minha cabeça.

18 de dezembro

Laurie

— Quando conhecer David hoje à noite, pode tentar não decidir nada impulsivamente? À primeira vista, é bem capaz de achar que vocês dois não combinam, mas, confie em mim, ele é muito engraçado. E *gentil*, Laurie. Tipo, outro dia, ele cedeu a cadeira para mim em uma reunião. Quantos caras você conhece que fariam uma coisa dessas? — Sarah estava ajoelhada ao fazer seu discurso, puxando todas as taças de vinho empoeiradas do fundo do armário da cozinha em nosso apartamento minúsculo.

Tento pensar em uma resposta, mas, para ser sincera, não há muito que dizer.

— Hoje cedo, o cara do apartamento no térreo tirou a bicicleta do caminho para me deixar passar pela porta da frente. Ele conta?

— Você está falando daquele que abre nossa correspondência e deixa pedaços de kebab no chão da portaria todo fim de semana?

Rio baixinho enquanto enxáguo as taças de vinho na água quente e cheia de sabão. Daremos nossa festa de Natal esta noite, coisa que fazemos todos os anos desde que nos mudamos para Delancey Street. Apesar de estarmos nos enganando sobre a deste ano ser mais sofisticada que as outras, agora que saímos da faculdade, o evento vai consistir em universitários e colegas de trabalho que ainda não conhecemos direito se espremendo no apartamento para beber vinho barato, discutir coisas que na verdade não entendemos e — pelo menos no meu caso — conhecer um sujeito chamado David, que Sarah acredita ser meu par perfeito. Não é a primeira vez que isso acontece. Minha melhor amiga acha que tem talento para cupido e já me convenceu a sair com dois caras na época da faculdade. O primeiro, Mark, ou talvez fosse Mike, apareceu vestindo shorts de corrida no meio do inverno e passou o jantar inteiro tentando me desmotivar a

comer qualquer coisa no cardápio que levasse mais de uma hora para queimar na academia. Sou uma pessoa que ama pudim; na minha opinião, a única coisa difícil de engolir ali era Mike. Ou Mark. Não importa. Para ser justa com Sarah, ele lembrava um pouco Brad Pitt se você o visse de relance em um lugar escuro, apertando os olhos — coisa que admito ter feito. Não costumo ir para a cama com caras que acabei de conhecer, mas senti que devia tentar. Por Sarah.

Sua segunda escolha, Fraser, era um pouquinho melhor; pelo menos consigo lembrar o nome. Ele era, de longe, o escocês mais escocês que já conheci, tanto que eu só entendia metade do que falava. Acho que não chegamos a conversar especificamente sobre gaitas de foles, mas não me surpreenderia se ele tivesse uma sob o casaco. Sua gravata-borboleta xadrez era estranha, mas nada disso teria importância. O problema real aconteceu no fim do encontro: ele veio me deixar em casa, na Delancey Street, e me beijou como se estivesse tentando fazer respiração boca a boca — respiração boca a boca com uma quantidade extremamente inadequada de saliva. Assim que entrei em casa, fui correndo para o banheiro, e meu reflexo confirmou que parecia que eu fora agarrada por um dogue alemão. Na chuva.

E também não é como se os homens que escolho por conta própria sejam maravilhosos. Com exceção de Lewis, meu namorado da adolescência, parece que nunca acerto. Depois de três, quatro, talvez cinco encontros, as coisas acabam esfriando. Estou começando a me perguntar se ser amiga de alguém tão deslumbrante quanto Sarah não seria uma faca de dois gumes; ela faz os homens criarem expectativas demais sobre as mulheres. Se eu não a amasse tanto, é provável que quisesse lhe dar uma surra.

Enfim, talvez eu seja ingênua, mas sempre soube que nenhum desses homens era certo para mim. Sou uma garota romântica; Nora Ephron seria a primeira pessoa na minha lista de convidados para um jantar imaginário, e sou louca para saber se homens bonzinhos realmente beijam bem. Você entendeu. Espero um dia encontrar um príncipe no meio de tantos sapos. Ou algo assim.

Quem sabe como vão ser as coisas com David; talvez eu tenha sorte desta vez. Não estou criando expectativas. Talvez ele seja o amor da minha vida, talvez seja um horror, mas não importa — estou muito curiosa e mais do que disposta a deixar rolar. Não fiz isso com muita frequência neste último ano; nós duas passamos pela reviravolta que é sair do conforto da faculdade e entrar na dura realidade do mercado de trabalho, uma experiência em que Sarah teve mais sucesso que eu. Um cargo júnior em um canal de televisão regional praticamente caiu no seu colo, enquanto continuo trabalhando na recepção do hotel. Sim,

apesar da minha resolução de ano-novo, não estou nem perto de ter conseguido meu emprego dos sonhos. Mas era isso ou voltar para Birmingham, e tenho medo de sair de Londres e nunca mais voltar. Era óbvio que as coisas seriam mais fáceis para Sarah; ela é a amiga extrovertida, eu sou a tímida, o que significa que costumo não me dar tão bem em entrevistas de trabalho.

Mas hoje será diferente. Meu plano é encher a cara até perder completamente a timidez. Afinal de contas, teremos a desculpa do Ano-Novo para esquecer qualquer comportamento irresponsável impulsionado pelo álcool. Tipo, pelo amor de Deus, isso tudo aconteceu no *ano passado!* Bola pra frente!

Hoje também é a noite em que vou conhecer o novo namorado de Sarah. Faz várias semanas que os dois estão saindo, só que sempre acontece alguma coisa que me impede de conhecer esse homem aparentemente lindo de morrer. Já ouvi tanto sobre ele que poderia escrever um livro. Infelizmente para ele, sei todos os detalhes sobre suas habilidades fantásticas na cama e que Sarah pretende ser sua mulher e a mãe de seus filhos depois que ele se tornar o astro da mídia que está caminhando para ser. Quase sinto pena por um cara de 24 anos já ter seu futuro planejado pelos próximos dez. Mas estamos falando de Sarah. Não importa o quanto ele seja legal; a sorte é dele por estar com ela.

Sarah não consegue parar de falar dele. Está fazendo isso agora, me contando bem mais sobre sua vida sexual frenética do que eu gostaria de saber.

Como uma criança brincando de varinha mágica, jogo bolhas no ar ao erguer meus dedos ensaboados para interromper o falatório.

— Tudo bem, tudo bem, por favor, pare. Vou ter que me esforçar para não ter um orgasmo espontâneo só de ver seu futuro marido.

— Mas não diga isso quando o conhecer, está bem? — Ela sorri. — A parte do futuro marido? Porque ele ainda não sabe desse detalhe e pode, sabe, ficar assustado.

— Você acha? — pergunto, impassível.

— Vai ser bem melhor se ele achar que teve essa ideia brilhante por conta própria daqui a alguns anos.

Ela limpa os joelhos da calça jeans com uma mão ao levantar.

Concordo com a cabeça. Conheço Sarah, sei que ele vai comer na palma da sua mão e que fará um pedido de casamento espontâneo quando ela achar que chegou o momento certo. Sabe essas pessoas que todo mundo gosta? Esses seres raros e efervescentes que irradiam uma aura que atrai as pessoas para sua órbita? Sarah é assim. Mas você se engana se acha que isso a torna insuportável.

Nós nos conhecemos bem aqui, no primeiro ano da faculdade. Eu tinha resolvido alugar um dos apartamentos da universidade, em vez de morar no alojamento, e escolhi este. É uma antiga casa geminada alta, dividida em três: dois imóveis maiores nos andares inferiores e nosso sótão empoleirado em cima, como um bônus fofo. Sabe o apartamento em que Bridget Jones mora? É parecido, só que menos chique e mais detonado, e eu teria que dividi-lo com um completo desconhecido para conseguir pagar o aluguel. Nenhum desses pontos negativos me impediu de assinar o contrato; seria melhor ter que conviver com um único estranho do que encarar um alojamento barulhento lotado deles. Ainda me lembro de carregar todas as minhas coisas pelos três lances de escada no dia da mudança, torcendo para minha nova colega de apartamento não acabar com minha fantasia de ser Bridget Jones.

Ela prendera um bilhete de boas-vindas na porta, escrito em caneta vermelha com letras grandes e rebuscadas no verso de um envelope usado:

Querida nova colega de apartamento,

Fui comprar uma bebida vagabunda para comemorarmos nossa casa nova. Se quiser, pode pegar o quarto maior. Acho melhor ficar mais perto do banheiro nas noites de bebedeira!

Bj, S

E assim foi. Antes mesmo de conhecê-la, já estava fascinada. Em muitos sentidos, Sarah é diferente de mim, mas temos o suficiente em comum para sermos inseparáveis. Ela é esplendorosa de tão bonita, com aquele cabelo vermelho-fogo ondulado que vai até a bunda, e tem um corpo maravilhoso, apesar de isso ser a última coisa com que se preocupa.

Normalmente, uma pessoa tão bonita faria com que eu me sentisse o próprio patinho feio, mas Sarah faz você se sentir bem consigo mesma. A primeira coisa que me disse quando voltou do mercado da esquina naquele dia foi “Putá merda! Você é a cara da Elizabeth Taylor. A gente vai ter que fazer uma barricada para não colocarem a porta abaixo.”

Era um exagero, é claro. Não me pareço muito com Elizabeth Taylor. Meu cabelo escuro e meus olhos azuis foram cortesia da minha avó materna francesa; ela era uma bailarina bem famosa quando tinha lá seus vinte e poucos anos; temos programas de espetáculos premiados e recortes de matérias de jornal que

provam isso. Só que sempre pensei em mim mesma como uma parisiense fracassada; herdei o corpo da minha avó, mas não sua elegância, e, nas minhas mãos, seu arrumado coque castanho se tornou uma juba de cachos eternamente arrepiada em mim. Além do mais, eu jamais teria a disciplina necessária para dançar — sempre como mais biscoitos recheados do que deveria. Vai ser uma desgraça quando meu metabolismo resolver dar problema.

Brincando, Sarah se refere a nós como a princesa e a prostituta. Na verdade, ela não tem um pingão de piranhagem e eu estou bem longe de ter o requinte de uma princesa. Como eu disse, temos bastante em comum e rimos uma com a outra. Sarah é a Thelma para a minha Louise, daí minha preocupação por ela de repente estar de quatro por um cara que ainda não conheci ou aprovei.

— Acha que precisamos de mais bebida? — pergunta ela agora, lançando um olhar questionador para as garrafas enfileiradas na bancada da cozinha.

Ninguém chamaria nossa coleção de sofisticada; é um conjunto de vodcas e vinhos baratos que passamos os últimos três meses comprando quando entravam em promoção no supermercado para garantir uma festa memorável.

Ou não.

— Claro que não. As pessoas vão trazer mais — digo. — Vai ser ótimo. — Meu estômago ronca, lembrando que não comemos nada desde o café da manhã. — Ouvia isso? — pergunto, esfregando a barriga. — Meu corpo acabou de pedir para você fazer um especial da DS.

Os sanduíches de Sarah são lendários na Delancey Street. Ela me ensinou a santíssima trindade do café da manhã formada por bacon, beterraba e cogumelos, e levamos quase dois anos para chegarmos à nossa marca registrada, o especial da DS, batizado em homenagem ao apartamento.

Ela revira os olhos, rindo.

— Você também sabe fazer.

— Não fica igual.

Sarah se apruma um pouco, abrindo a geladeira.

— É verdade.

Observo enquanto ela monta as camadas de frango e gorgonzola com alface, maionese e *cranberry*, uma ciência exata que ainda não dominei. Sei que parece ruim, mas, pode acreditar, não é. Talvez não faça parte do típico cardápio universitário; porém, desde que chegamos à combinação vencedora na época da faculdade, sempre fazemos questão de ter os ingredientes na geladeira. É a base da nossa dieta. Além de sorvete e vinho barato.

— O segredo está no *cranberry* — digo após a primeira mordida.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um dia em dezembro"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).